

EMPREENDEDORISMO DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS MIGRANTES NORDESTINAS

Autores: Nathalia Karoline de França Zanella (Unigranrio), Roberto Pessoa de Queiroz Falcão (Unigranrio), Eduardo Picanço Cruz (UFF)

RESUMO: Esta pesquisa analisa como o afroempreendedorismo contribui para a inserção econômica, mobilidade social e fortalecimento identitário de empreendedores negros/pardos oriundos da região Nordeste que migraram para o estado do Rio de Janeiro. O estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, com base em 21 entrevistas semiestruturadas realizadas com afroempreendedores migrantes estabelecidos no estado. Os dados foram analisados utilizando a análise temática de Gioia, sob as lentes teóricas da Teoria da Incorporação Mista (Mixed Embeddedness). Os resultados indicam que o empreendedorismo frequentemente surge como resposta à exclusão do mercado de trabalho, ao emprego precário e às oportunidades limitadas decorrentes da migração, ao mesmo tempo que promove capacidades adaptativas como resiliência, flexibilidade e reconhecimento de oportunidades. Os laços familiares, as relações de vizinhança e as redes de migrantes desempenham um papel crucial no acesso a clientes, informações e apoio prático. As tradições culturais afro-brasileiras operam como recursos estratégicos, possibilitando diferenciação de mercado, legitimidade e afirmação da identidade. O empreendedorismo, portanto, funciona não apenas como sobrevivência econômica, mas também como uma forma de resistência e empoderamento cultural.

Palavras-chave: migração nordestina; empreendedorismo afro-brasileiro; mixed embeddedness; afroempreendedorismo

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, negros e pardos já representam mais da metade da população e estão à frente de uma parcela expressiva dos empreendimentos (IBGE, 2023). Para ser mais preciso, dados recentes indicam que 51,4% dos empreendedores brasileiros se autodeclararam negros (pretos e pardos), destacando a relevância desse grupo na dinâmica empreendedora nacional (Greco, 2024). Esse contexto permite relacionar a valorização da identidade e do simbolismo da cultura afro-brasileira como estratégia relevante na geração de oportunidades de negócio entre migrantes negros nordestinos.

O processo de migração nordestina para a região Sudeste se intensificou entre as décadas de 1950 e 1980, mas permanece até hoje. Esse movimento foi fortemente impulsionado pela industrialização do Sudeste, que passou a atrair mão de obra em busca de melhores condições de vida. Por outro lado, o histórico de marginalização econômica da região Nordeste, aliado às recorrentes secas, constitui um dos principais fatores de saída (Angelo; Fogaça; Barbosa, 2020). Dados mais recentes ajudam a dimensionar melhor a desigualdade. Em 2022, embora o Nordeste concentrasse cerca de 27% da população brasileira, a região concentrava 43,5% da população em situação de pobreza e 54,6% daqueles em situação de extrema pobreza. Destaca-se ainda que as pessoas pretas ou pardas constituíam mais de 70,0% da população pobre ou extremamente pobre. Em termos proporcionais, cerca de 40,0% dessa população (pretas ou pardas) vivia em situação de pobreza, percentual significativamente superior aos 21% entre a população branca (Agência de Notícias, 2023).

Autores destacam que o significado do empreendedorismo entre as pessoas negras vai além da mera busca por lucro, podendo também estar associado à realização de projetos e ao impulsionamento de sonhos, proporcionando novas perspectivas de vida (Baia; Costa, 2023). No que se refere ao empreendedorismo em geral, indivíduos passam a confiar em seu poder pessoal para superar as desigualdades, inclusive as econômicas, mas quando se olha apenas para o afroempreendedorismo, percebe-se que essa dinâmica assume um caráter mais coletivo, na medida em que grupos étnicos específicos articulam identidades e redes como forma de enfrentar iniquidades historicamente condicionadas pela raça (Sabino; Pinheiro 2022).

Mudando um pouco o foco, e quando se avalia a questão de gênero, por exemplo, as desigualdades tornam-se ainda mais evidentes. Mulheres recebem, em média, 19,4% a menos do que os homens. Essa diferença se intensifica no caso das mulheres negras, que apresentam índices ainda menores de remuneração. Comparando apenas entre as mulheres, negras recebem cerca de 66,7% das não negras. Os homens, não negros, têm rendimentos 27,9% superiores à média em geral (Ministério do Trabalho e Emprego, 2024). Diante desse quadro, o empreendedorismo passa a ser compreendido, em muitos casos, como uma alternativa concreta de inserção econômica para essas mulheres negras.

Embora a literatura sobre empreendedorismo de migrantes tenha avançado significativamente nos últimos anos, ainda são limitados os estudos que exploram, de forma integrada, as relações entre migração, identidade e desvantagem estrutural em contextos específicos, especialmente quando se consideram recortes de gênero e raça. Nesse sentido, este estudo se volta para a análise de como mulheres negras migrantes constroem identidades empreendedoras e mobilizam recursos culturais e sociais para sustentar seus negócios no Rio de Janeiro.

2 AFROEMPREENDEDORISMO NORDESTINO À LUZ DA INCORPORAÇÃO MISTA

2.1 Empreendedorismo Migrante e a Incorporação Mista

O migrante é aquele que se desloca tanto no espaço interno quanto externo ao território nacional, em uma conceituação mais clássica dos movimentos migratórios (Brito, 2016). Petersen (1958) propõe dois eixos para categorizar as modalidades de migração: o primeiro refere-se às forças determinantes da propensão para emigrar, que incluem a pressão ecológica, políticas migratórias, aspirações individuais e o âmbito social. O segundo eixo aborda a intencionalidade do migrante, que pode assumir uma atitude conservadora, ao tentar manter determinadas condições de vida, ou mesmo inovadora, ao buscar melhorar de vida por meio da migração. Freguglia e Procópio (2013) compreendem que a decisão de migrar é influenciada principalmente pela remuneração.

A abordagem da incorporação mista integra a estrutura de oportunidades do mercado estrangeiro a um contexto social mais amplo, assim como as redes sociais dos empreendedores migrantes, em um modelo abrangente que considera tanto os recursos estratégicos do migrante (capital humano, social e financeiro) quanto as transformações na estrutura de oportunidades dentro de um determinado mercado (Kloosterman; Van Der Leun; Rath, 1999). Nesse sentido, o *framework* de análise da 'Incorporação Mista' foi aplicado à análise de mulheres negras nordestinas que migraram para o Rio de Janeiro e que efetivamente empreenderam. Portanto, a análise considerou as estruturas de oportunidade, os recursos dos empreendedores migrantes, o contexto sociocultural e institucional, e suas estratégias de negócios. Já Barberis e Solano (2018), argumentam que qualquer pessoa que utilize a teoria da incorporação mista deve

considerar as complexas combinações de práticas econômicas, como agrupamentos formados por atores sociais através de suas redes, que recontextualizam o empreendedorismo migrante em consonância com as transformações das sociedades modernas.

Dentro desse contexto, destacam-se os elementos que compõem cada nível de estrutura da teoria da incorporação mista: No nível macro (Kloosterman; Rath, 2001): fatores como políticas de imigração, estabilidade econômica, e sistemas institucionais moldam as oportunidades dos migrantes. O nível meso (Kloosterman; Rath, 2001): conecta o contexto institucional e econômico com os empreendedores individuais, abrangendo a dinâmica de mercado local e redes de apoio. O nível micro (Kloosterman; Rath, 2001): aborda as características individuais dos empreendedores, como proficiência linguística, formação acadêmica e habilidades técnicas, que, junto aos contextos meso e macro, influenciam o potencial de sucesso. As redes sociais e a dinâmica comunitária podem amplificar ou mitigar os efeitos dos fatores macro, fazendo do nível meso uma ponte essencial para entender os resultados empresariais dos migrantes.

A interação entre os diferentes níveis — macro, meso e micro — constrói uma estrutura maior e dinâmica, abrangendo organizações que atuam nos níveis de bairro, cidade e até nacional, proposta como uma intersecção de várias disciplinas (Rath; Kloosterman, 2001). Nesse contexto, as redes sociais formadas ao longo do tempo desempenham um papel crucial no direcionamento de grupos que, desenraizados, buscam destinos onde possam encontrar recursos valiosos para sua inserção social e econômica (Fusco; Duarte & Gomes, 2011). Esses recursos incluem, por exemplo, locais de acolhimento temporário e informações sobre emprego e habitação, que são considerados por indivíduos no momento de decidir migrar.

Pesquisas recentes têm aplicado cada vez mais a abordagem de Mixed Embeddedness (ME) para compreender melhor os desafios complexos e as estratégias adaptativas de mulheres empreendedoras refugiadas, que frequentemente enfrentam barreiras agravadas por dimensões interseccionais de deslocamento, gênero e etnia. Pode-se fazer um paralelo com as afroempreendedoras nordestinas no Rio de Janeiro, dado que essas mulheres vivenciam com frequência uma precariedade jurídica, acesso limitado ao emprego formal e insuficiente apoio institucional — fatores que influenciam profundamente seu enraizamento econômico e social (Ram et al., 2022, Harima, 2022). Embora a abordagem da incorporação mista contribua para compreender a interação entre estrutura e agência, ela ainda apresenta limitações ao tratar de forma mais aprofundada as dimensões identitárias e simbólicas que atravessam essas trajetórias.

Os fatores econômicos, por exemplo, são representados pela tendência dos imigrantes a serem levados a engajarem-se em trabalhos autônomos (autoemprego), devido a suas condições socioeconômicas ao chegar, acrescentando-se isto às barreiras específicas como discriminação étnica ou racial, ou habilidades técnicas. Certos traços culturais e a mistura de capital social, humano e financeiro também desempenham um papel importante. A agência e os atores são fundamentais para compreender como esses indivíduos se inserem em estruturas sociais maiores (Granovetter, 1985). Portanto, diante dessas limitações, torna-se necessário avançar na compreensão das dimensões identitárias e simbólicas que atravessam o empreendedorismo em contextos de desigualdade. Assim, o afroempreendedorismo emerge como uma lente analítica relevante para compreender como identidade, cultura e trajetória social influenciam práticas empreendedoras.

2.2 Afroempreendedorismo, identidade e desvantagem estrutural

O significado do empreendedorismo entre as pessoas negras é mais do que a mera busca por lucro, pois também pode impulsionar sonhos e proporcionar uma nova perspectiva de vida. Nesse contexto, o empreendedorismo emerge como uma forma de emancipação diante da falta de oportunidades no mercado de trabalho, especialmente no contexto da intersecção entre raça, gênero e classe, que marginaliza as mulheres negras. Ademais, o forte senso de identidade comunitária e o ativismo social dessas mulheres, aliados à construção de capital social, indicam como um direcionador para o empreendedorismo feminino negro (Baia; Costa, 2023; Feitosa; Mascena, 2024).

Segundo Nascimento e Trevelin (2021) uma das soluções para a geração de renda dos negros é a abertura de negócios, que, não só serve como um recurso contra o desemprego, mas também fortalece a comunidade e perpetua costumes e identificações culturais para as gerações futuras. Assim, o termo como “afroempreendedorismo” passa a ser utilizado como forma de identificação e de inclusão, representando não apenas uma atividade econômica, mas uma ideologia. Matos (2021) destaca que o afroempreendedorismo ultrapassa a simples presença de um corpo negro à frente de um negócio, ele articula posicionamentos ideológicos e políticos que visam à transformação social. Portanto, o preconceito permanece como um dos maiores obstáculos enfrentados pela população negra no empreendedorismo. Mesmo com alguns avanços, o racismo estrutural ainda impõe barreiras significativas, dificultando o acesso a oportunidades e ao sucesso no mundo dos negócios (SEBRAE, 2023). Dados da Agência SEBRAE (2023), indicam que empreendedores negros faturam menos em pequenos negócios, sendo que 77,6% dos empreendedores pretos e pardos ganham até dois salários-mínimos, enquanto uma minoria consegue faturar cinco ou mais. Essa discriminação impacta diretamente o acesso a financiamento, recursos, redes de contatos e oportunidades, limitando o crescimento dos negócios.

Segundo Sabino e Pinheiro (2022), esses desafios se intensificam para a população negra, que enfrenta desigualdades sociais, discriminação e preconceitos resultantes de uma história marcada pela escravidão. A inserção dos negros no contexto empresarial brasileiro ilustra as discriminações raciais que persistem, o que não apenas cria uma desvantagem em termos de igualdade competitiva, mas também limita o reconhecimento de suas potencialidades devido ao racismo vigente. Dessa forma, Perreira e Matitz (2022) ressaltam que a identidade negra é um processo contínuo e se fundamenta na percepção que os indivíduos de um mesmo grupo étnico-racial têm sobre si mesmos, a partir de suas experiências e relações com os outros.

Desse modo, o movimento negro tem se mobilizado para encontrar alternativas de sobrevivência econômica e afirmação de sua cultura e identidade, como as feiras negras, que atualmente vêm sendo organizadas em diversas cidades do país (Silva; Estival; Fontes, 2023). Tais iniciativas evidenciam que o afroempreendedorismo está conectado a conceitos como empoderamento, em uma perspectiva coletiva de luta social por dignidade, bem-estar e autonomia financeira (Sabino; Pinheiro, 2022). Assim, identidade, cultura e redes sociais não atuam apenas como elementos de apoio, mas como recursos estratégicos mobilizados por empreendedoras negras para enfrentar as desigualdades estruturais e construir suas trajetórias no empreendedorismo. Assim, o afroempreendedorismo pode ser compreendido não apenas como uma alternativa econômica, mas como uma forma de resistência, afirmação identitária e reposicionamento social.

3 METODOLOGIA

3.1 Contexto da Pesquisa

Este estudo adota uma abordagem de pesquisa qualitativa e descritiva. A pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de uma população ou fenômeno, assim como estabelecer relações entre variáveis (Gil, 2002). Essa estratégia alinha-se ao objetivo de compreender como mulheres negras migrantes do Nordeste do Brasil constroem e sustentam trajetórias empreendedoras no Rio de Janeiro, mobilizando redes sociais, recursos culturais e estratégias adaptativas em contextos marcados por desigualdades sociais e raciais. Apesar de o arcabouço teórico contemplar perspectivas multiníveis, como a inserção mista, a análise empírica é realizada ocorre no nível individual, examinando como os empreendedores interpretam as condições estruturais que moldam suas trajetórias.

Conforme dados da ODNE (2017), o principal destino dos migrantes nordestinos é a região Sudeste. Em 2000, o fluxo migratório de nordestinos para o Sudeste somou 6.769.499 pessoas, consolidando-a como a região de maior interesse para esses migrantes. Moura (1999) acredita que a região Sudeste mantém laços migratórios significativos com o Nordeste, sendo que, no período de 1991 a 1996, duas terças partes de todo o movimento migratório líquido regional envolviam a saída e entrada de nordestinos na região Sudeste, Norte e Centro-Oeste.

Esse movimento migratório está frequentemente associado à busca por melhores condições de vida e inserção econômica, o que leva muitos migrantes a desenvolverem estratégias alternativas de geração de renda, dentre as quais se destaca o empreendedorismo. Nesse contexto, o afroempreendedorismo se destaca pela criatividade, pela valorização da identidade e da cultura afro-brasileira. Esses empreendimentos são direcionados a atender às demandas e necessidades específicas desse público, abrangendo setores como beleza, moda, gastronomia, arte, educação, turismo, tecnologia e impacto social. Esses negócios desempenham um papel fundamental na afirmação da autoestima, da representatividade e da cidadania das pessoas negras (SEBRAE, 2023). Assim, o afroempreendedorismo não deve ser visto apenas como uma solução para os problemas que envolvem a depreciação da população negra brasileira, mas como uma estratégia para amenizar as grandes disparidades entre as pessoas brancas e negras em um cenário que antes era exclusivo para o homem branco. Trata-se de um mecanismo de combate às desigualdades e à exclusão social, onde homens e mulheres negros partem de um empoderamento oriundo de suas identidades, e de ascensão social (Siqueira; Nunes, 2018).

3.2 Coleta de Dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 21 afroempreendedoras migrantes do Nordeste do Brasil que estabeleceram negócios no Rio de Janeiro, predominantemente mulheres com idades entre 25 e 80 anos (ver tabela 1).

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos entrevistados.

Código	Idade (anos)	Educação	Atividade profissional	Anos no RJ	Abertura
E1	38	Ensino Médio concluído	Trancista/Diarista	27	2021
E2	51	Técnica de enfermagem	Cozinheira especializado em acarajé	29	NI
E3	57	Diploma do ensino médio	Artesã	25	2014
E4	39	Licenciatura (Turismo)	Moda com tecidos africanos	23	2019
E5	38	Bacharelado (Administração de Empresas)	Cozinheira especializada em acarajé	7	2018

E6	46	Diploma do ensino médio	Cozinheira especializada em culinária baiana	20	2023
E7	51	Diploma do ensino médio	Cozinheira especializada em culinária baiana.	38	2007
E8	28	Bacharelado (Publicidade)	Doceira	1,5	2025
E9	25	Diploma do ensino médio	Trancista	1	2020
E10	48	Diploma do ensino médio	Esteticista/ Diarista	25	2021
E11	NI	Bacharelado (Ciências Contábeis)	Cabeleireira/Especialista em Extensões de Cabelo	NI	NI
E12	41	Diploma do ensino médio	Trancista	25	2000
E13	45	Ensino fundamental completo	Empregada doméstica/Manicure	26	2022
E14	63	Ensino fundamental incompleto	Cozinheira especializada em acarajé	32	2015
E15	80	Diploma do ensino médio	Costureira	61	1975
E16	52	Bacharelado (Gastronomia/Téc. Enfermagem)	Chef de cozinha especializada em gastronomia baiana.	38	NI
E17	61	Ensino fundamental incompleto	Cozinheira especializada em acarajé	40	NI
E18	47	Ensino secundário incompleto	Cozinheira especializada em acarajé	7	NI
E19	52	Diploma do ensino médio	Especialista em Design de Bolsas	44	2016
E20	73	diploma de bacharel	Artesã	52	2013
E21	57	diploma de bacharel	Estilista de moda	47	2016

NI = Não informado

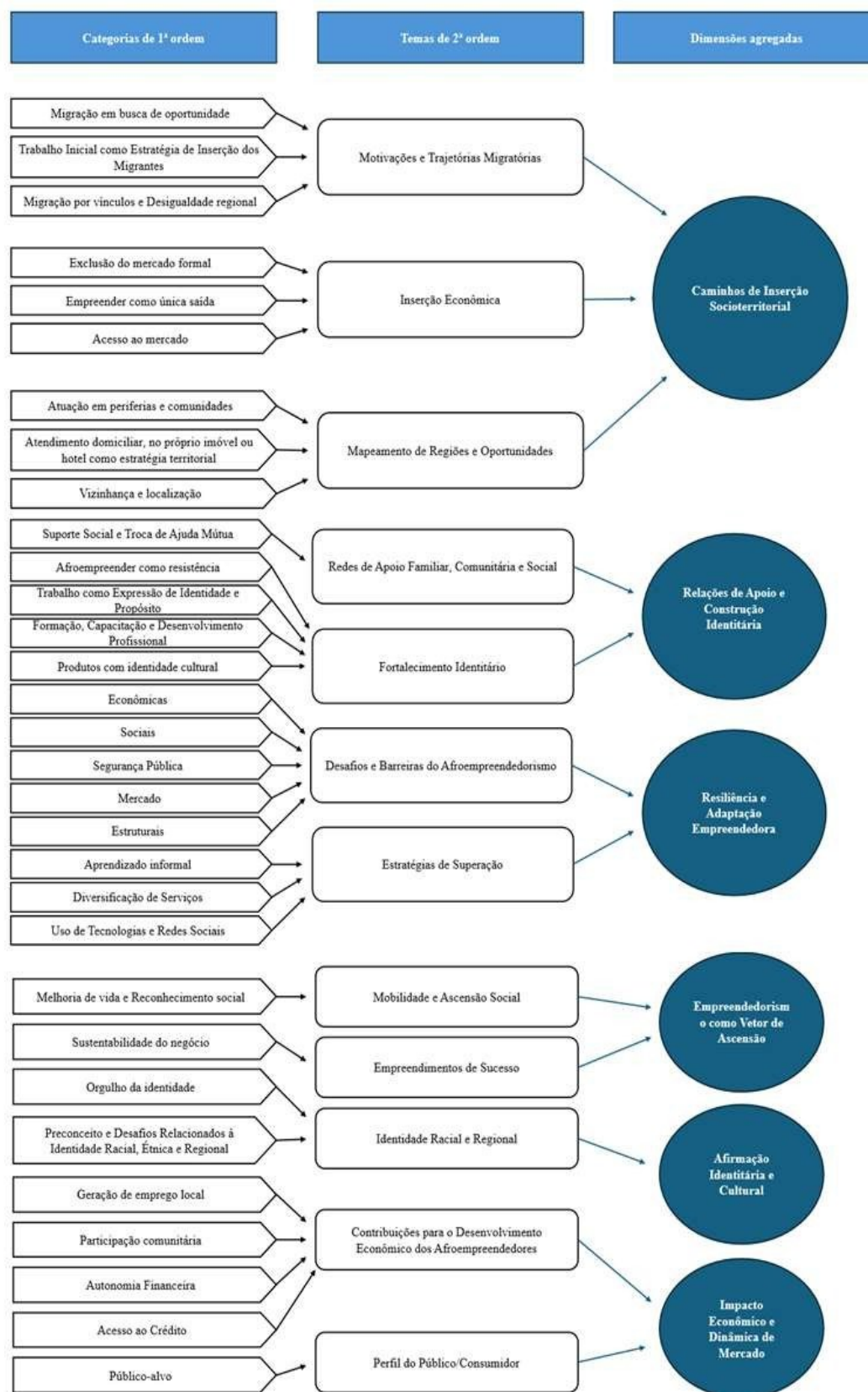
As entrevistas, com duração média de 40 minutos e totalizando aproximadamente 215 páginas transcritas, exploraram trajetórias migratórias, motivações empreendedoras, redes sociais e desafios na criação e desenvolvimento de negócios, para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de explorar a trajetória dos empreendimentos, os históricos e as motivações para empreender, bem como as dimensões de capital humano, social e econômico. A seleção dos participantes seguiu uma amostragem não probabilística por conveniência, adotando critérios de tipicidade e acessibilidade. Inicialmente, foram validadas a origem nordestina e a identidade dos participantes como empreendedores negros/pretos ou pardos. Em seguida, foi verificada a disponibilidade dos participantes por meio de indicação entre redes de contato, utilizando a técnica de amostragem “bola de neve” (Vergara, 2011; Atkinson; Flint, 2001). O recrutamento envolveu redes existentes e observações de campo em espaços empreendedores afro-brasileiros importantes (como feiras e mercados de rua) em diversos bairros do Rio de Janeiro: Feira de São Cristóvão, Feira da Glória e Feira do Lavradio (centro da cidade). O protocolo de entrevista abordou histórico migratório, motivações empreendedoras, formação de redes, experiências de discriminação e estratégias de negócios.

3.3 Análise de Dados

A análise de dados foi conduzida segundo a metodologia de Gioia, Corley e Hamilton (2013), envolvendo a codificação de conceitos de primeira ordem a partir dos termos dos informantes, sua posterior agregação em temas de segunda ordem e a construção de dimensões teóricas mais abstratas para explicar os fenômenos observados.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Figura 1 – Codificação das entrevistas



Fonte: elaboração própria com base em entrevistas

A Figura 1 apresenta a estrutura de codificação na qual 32 categorias de primeira ordem relacionadas a trajetórias migratórias, motivações, redes e experiências de mercado foram identificadas e posteriormente agrupadas em 12 temas de segunda ordem que refletem padrões recorrentes.

4.1 Trajetórias migratórias e motivações para o empreendedorismo

Para a maioria dos empreendedores entrevistados, a decisão de se mudar do Nordeste do Brasil para o Rio de Janeiro precedeu qualquer intenção de abrir um negócio. A migração foi motivada principalmente pela necessidade econômica e pela expectativa de que os grandes centros urbanos oferecessem oportunidades de emprego mais estáveis. No entanto, as experiências vivenciadas após a chegada muitas vezes diferiram dessas expectativas. Por exemplo, a partir das entrevistas, foi possível identificar que um dos principais fatores está relacionado à falta de oportunidades na região de origem: “Eu vim para trabalhar, e retornei ao Rio de Janeiro de novo para trabalhar. [...] Lá é muito difícil para trabalho.” (E14). Esse relato evidencia que a migração não se configura apenas como uma decisão individual, mas como parte de estratégias familiares voltadas à melhoria das condições de vida.

Em outros casos, o trabalho inicial funcionou como estratégia de inserção dos migrantes no Rio de Janeiro. Devido às limitações de oportunidades em suas regiões de origem, o serviço doméstico destacou-se como uma porta de entrada, possibilitando não apenas o acesso ao mercado de trabalho, mas também a moradia, uma vez que passaram a residir nas casas de família onde trabalhavam. “Vim direto pra casa de uma moça, vim trabalhar como doméstica.” (E2)

Experiências como essa não foram isoladas. Em alguns casos, a decisão de empreender também estava associada à busca por autonomia pessoal e independência econômica: “Eu queria ter meu próprio dinheiro, queria ter minha própria vida, queria fazer minhas próprias coisas. Foi aí que toda a minha jornada empreendedora começou” (E19). Essa declaração destaca como a atividade empreendedora estava frequentemente ligada não apenas à necessidade econômica, mas também às aspirações por autonomia e autodeterminação.

Esse padrão também é observado na literatura sobre empreendedorismo migrante. Freguglia e Procópio (2013) compreendem que a decisão de migrar é fortemente influenciada pelas melhores buscas condições de remuneração. Os fatores econômicos, por exemplo, são representados pela tendência dos imigrantes a serem levados a engajarem-se em trabalhos autônomos (autoemprego), devido a suas condições socioeconômicas ao chegar, acrescentando-se isto às barreiras específicas como discriminação étnica ou racial, ou habilidades técnicas. Certos traços culturais e a mistura de capital social, humano e financeiro também desempenham um papel importante. A agência e os atores são fundamentais para compreender como esses indivíduos se inserem em estruturas sociais maiores. A perspectiva de Granovetter (1985) contribui especificamente ao destacar o papel das redes sociais na inserção desses indivíduos em estruturas econômicas mais amplas.

Ao mesmo tempo, por meio do empreendedorismo, muitos afroempreendedores encontraram não apenas uma fonte de sustento, mas também uma oportunidade de inserção e fortalecimento no mercado local. A participação em eventos, feiras e festivais se tornou uma estratégia importante para ampliar a carteira de clientes, ganhar visibilidade e fortalecer seus negócios.

“Aí eu comecei a fazer parceria com outros cantores [...] Mas pra mim, como sempre, ganhando visibilidade.” (E16). Apesar dos desafios, essas afroempreendedoras vêm conquistando seu espaço no mercado local, construindo trajetórias de resiliência e sucesso.

Essas estratégias encontram respaldo na literatura sobre afroempreendedorismo. Segundo Nascimento e Trevelin (2021) uma das soluções para a geração de renda dos negros é a abertura de negócios, que, não só serve como um recurso contra o desemprego, mas também fortalece a comunidade e perpetua costumes e identificações culturais para as gerações futuras. De forma complementar, Silva, Estival e Fontes (2023) destacam que o movimento negro tem se mobilizado para encontrar alternativas de sobrevivência econômica e afirmação de sua cultura e identidade, como as feiras negras, que atualmente vêm sendo organizadas em diversas cidades do país.

As experiências de marginalização relatadas pelas entrevistadas evidenciam que, embora essas condições limitem o acesso a trajetórias profissionais tradicionais, elas também impulsionam o desenvolvimento de estratégias adaptativas que sustentam a ação empreendedora. Nos casos analisados, a migração não apenas antecede a atividade empreendedora, mas também molda as experiências, percepções e capacidades a partir das quais essas mulheres passam a identificar e explorar oportunidades econômicas no Rio de Janeiro. Esses achados reforçam que as trajetórias empreendedoras de migrantes em contextos de vulnerabilidade resultam da interação entre restrições estruturais, experiências migratórias e estratégias adaptativas desenvolvidas ao longo do tempo.

4.2 Redes comunitárias e recursos culturais

Para muitos dos empreendedores entrevistados, o desenvolvimento de seus negócios estava intimamente ligado aos ambientes sociais em que estavam inseridos. Embora as trajetórias migratórias tenham moldado as condições sob as quais as atividades empreendedoras surgiram, foi frequentemente por meio de relações comunitárias que essas iniciativas se tornaram viáveis.

Os laços comunitários fomentavam formas coletivas de apoio entre os empreendedores. Uma entrevistada descreveu como seu envolvimento em iniciativas locais a posicionou como líder comunitária: “Aí hoje em dia eu sou uma liderança comunitária, tenho unido os colegas, participo de vários projetos aqui na comunidade, inclusive na Casa da Mulher, lá no Espaço Mulher Empreendedora, né? Onde eu tanto aprendo, como ensino lá com o pessoal, mais ou menos, meninas lá” (E20).

Ao longo das trajetórias analisadas, as redes de apoio se mostram essenciais no processo migratório, e na busca por oportunidades de trabalho. A experiência relatada pela entrevistada E7: “Agora mesmo eu passei essa dificuldade com a minha esposa, ela foi diagnosticada com câncer, recebemos tanto amor, tanto carinho (...). Eles mesmos montaram uma escala, um ficava com Lucinha aqui em casa e outro ficava comigo no quiosque.” (E7). O relato evidencia a importância dessas conexões: elas receberam suporte em momentos de fragilidade na saúde, foram beneficiadas por cursos ofertados gratuitamente por amigas, e tiveram oportunidades no mercado de trabalho graças à solidariedade de outras mulheres negras. Essas redes extrapolam os círculos familiares ou de amizade imediata e se estendem para um tecido social mais amplo, evidenciando o papel da coletividade.

Essa dinâmica vai ao encontro da perspectiva de Fusco, Duarte e Gomes (2011), que destacam que as redes sociais formadas ao longo do tempo desempenham um papel crucial no direcionamento de grupos que, desenraizados, buscam destinos onde possam encontrar recursos valiosos para sua inserção social e econômica. Esses recursos incluem, por exemplo, locais de acolhimento temporário e informações sobre emprego e habitação, que são considerados por indivíduos no momento de decidir migrar.

A relevância dessas redes vai ao encontro do que Barberis e Solano (2018), argumentam ao destacar que a abordagem da teoria da incorporação mista deve considerar as complexas combinações de práticas econômicas, como agrupamentos formados por atores sociais através de suas redes, que recontextualizam o empreendedorismo migrante em consonância com as transformações das sociedades modernas. Além das redes sociais, os recursos culturais associados às tradições afro-brasileiras também se mostraram elementos importantes nas estratégias empreendedoras descritas pelos entrevistados. Muitos negócios estavam intimamente ligados a práticas culturais enraizadas em histórias familiares e tradições regionais, incluindo o preparo de alimentos tradicionais, serviços de beleza relacionados a cabelos crespos e produtos artesanais inspirados na estética afro-brasileira.

Em alguns casos, o conhecimento que posteriormente se tornou a base da atividade empreendedora foi adquirido muito antes da migração. Uma participante descreveu como as tradições familiares moldaram as origens de seu negócio: “Aos 11 anos de idade, a minha avó vendia acarajé no shopping Iguatemi e ela saía pra vender, me deixava em casa e aí eu comecei a mexer nas panelas.” (E18). Ao mobilizar elementos do patrimônio cultural afro-brasileiro, os empreendedores conseguiam criar produtos que ressoavam com comunidades consumidoras específicas e diferenciar seus negócios em mercados urbanos competitivos. No afroempreendedorismo, grupos étnicos específicos apostam em seu poder coletivo para a superação das iniquidades, também condicionadas pela raça (Sabino; Pinheiro, 2022).

As evidências empíricas indicam que, as redes sociais e os recursos culturais não eram elementos separados, mas dimensões interconectadas da atividade empreendedora. Os relacionamentos comunitários facilitavam a circulação de clientes e informações, enquanto as referências culturais compartilhadas contribuíam para o significado e o reconhecimento dos negócios criados por esses empreendedores. Juntos, esses elementos ilustram como as iniciativas empreendedoras entre grupos socialmente marginalizados estão frequentemente inseridas em identidades culturais e redes relacionais que, simultaneamente, sustentam a atividade econômica e reforçam os processos de pertencimento à comunidade.

4.3 Identidade empreendedora em condições de desvantagem estrutural

Para muitas das mulheres entrevistadas, o empreendedorismo também se tornou uma forma de redefinir como eram percebidas em ambientes sociais marcados pela desigualdade e pelo estigma. Suas narrativas frequentemente se referiam a experiências em que a identidade racial e a origem regional influenciaram a forma como eram tratadas no mercado de trabalho e nas interações cotidianas. Algumas entrevistadas também descreveram situações em que a identidade racial influenciou as interações de mercado: “As dificuldades... De pessoas que não conseguem aceitar, tipo, ver uma preta crescendo. Estou falando isso que eu sinto, que passo. Crescendo ali, né, fazendo as suas coisas, e crescendo, as pessoas se incomodam com isso, entendeu?” (E6). Essa experiência revela como as percepções racializadas podem moldar as

interações comerciais cotidianas e reforçar as barreiras estruturais enfrentadas por empreendedoras afro-brasileiras.

As mulheres negras que migram do Nordeste do Brasil frequentemente se deparam com estereótipos que associam sua origem regional à pobreza, baixa escolaridade ou trabalho informal. Essas percepções podem moldar tanto as oportunidades econômicas quanto as formas de reconhecimento social em contextos urbanos como o Rio de Janeiro. Outras entrevistadas descreveram como essas experiências influenciaram suas motivações para buscar atividades econômicas independentes. Uma entrevistada relatou como a discriminação marcou sua experiência inicial no estado: “Você, por ser nordestino, você sempre pensa um ‘preconceitozinho’, né? [...] ela falou assim pra mim: ‘Esses pretos vêm do Nordeste vêm sujar a nossa cidade no Rio de Janeiro’. Aquilo ali, eu travei.” (E13).

Em outros casos, os desafios sociais também se apresentam como barreiras significativas para a sustentabilidade desses negócios, sobretudo quando se observa a realidade das mulheres afroempreendedoras. Uma empreendedora relembrou os seus desafios durante o processo: “Eu estou no meu lugar de mulher preta, eu sou mãe, então eu ainda tenho uma criança que a gente precisa, não tem creche que fique o tempo necessário para que a gente possa trabalhar... E nem tem alguém da família às vezes que possa ficar, porque está todo mundo trabalhando.” (E4). Essas citações sugerem que a atividade empreendedora muitas vezes funcionou como uma forma de confrontar percepções estigmatizantes associadas tanto à identidade racial quanto à origem regional. Em vez de aceitar passivamente tais restrições, os empreendedores usaram a criação de negócios como um mecanismo para estabelecer maior autonomia e redefinir suas trajetórias profissionais.

Segundo o Sebrae (2023), o preconceito permanece como um dos maiores obstáculos enfrentados pela população negra no empreendedorismo. Mesmo com alguns avanços, o racismo estrutural ainda impõe barreiras significativas, dificultando o acesso a oportunidades e ao sucesso no mundo dos negócios. Sob essa perspectiva, a atividade empreendedora frequentemente se entrelaça com narrativas de resiliência, independência e autodeterminação.

Ao mesmo tempo, a identidade não se apresentou apenas como uma resposta à discriminação. Muitos participantes incorporaram ativamente elementos da cultura afro-brasileira na forma como definiram e apresentaram seus negócios. Referências culturais apareceram na estética dos produtos, nas narrativas utilizadas para comunicar o significado do negócio e nas relações estabelecidas com os clientes. Uma empreendedora explicou como essa dimensão se tornou central para o seu trabalho: “Eu acabei... eu já vim com a nossa culinária baiana, e aí eu acabei subindo mais um pouquinho, que aí eu fui para o Baião de Dois, para a Carne de Sol com aipim, nosso Cuscuz recheado, e por aí afora, e por aí afora. Então hoje a minha especialidade é comida nordestina, entendeu?” (E10).

Nesses casos, a identidade cultural funcionou não apenas como um marcador simbólico, mas também como um mecanismo pelo qual os empreendedores posicionaram seus negócios no mercado. O Sebrae (2023) aponta que afroempreendedorismo se destaca pela criatividade, pela valorização da identidade e da cultura afro-brasileira. Esses empreendimentos são direcionados a atender às demandas e necessidades específicas desse público, abrangendo setores como beleza, moda, gastronomia, arte, educação, turismo, tecnologia e impacto social. Esses negócios desempenham um papel fundamental na afirmação da autoestima, da representatividade e da cidadania das pessoas negras. Ao incorporar elementos do patrimônio

cultural em suas práticas empreendedoras, as mulheres entrevistadas neste estudo criaram negócios que combinavam atividade econômica com expressões de pertencimento cultural. O empreendedorismo tornou-se, assim, um espaço onde a sobrevivência econômica, a afirmação da identidade e o reconhecimento social se cruzavam. Por meio de seus negócios, esses empreendedores conseguiram não apenas gerar renda, mas também desafiar percepções estigmatizantes e articular novas formas de visibilidade profissional e cultural no ambiente urbano do Rio de Janeiro. Essas descobertas reforçam a ideia de que as trajetórias empreendedoras entre migrantes socialmente marginalizados são moldadas pela interação entre desigualdades estruturais, recursos identitários e as estratégias adaptativas desenvolvidas pelos próprios empreendedores.

5 DISCUSSÃO

O estudo contribui para os debates sobre empreendedorismo migrante, mostrando como as trajetórias empreendedoras entre mulheres migrantes afro-brasileiras são moldadas pela interação entre experiências migratórias, redes comunitárias e recursos identitários. Enquanto pesquisas anteriores enfatizam condições estruturais, como barreiras no mercado de trabalho e estruturas de oportunidades (Kloosterman; Rath, 2001). Os resultados destacam a importância da mobilização cultural e da negociação identitária em contextos marcados por desigualdades raciais e regionais, no entanto, a migração também fomenta capacidades adaptativas — como resiliência e reconhecimento de oportunidades — que posteriormente apoiam a criação de negócios, sugerindo que a mobilidade funciona não apenas como uma restrição, mas também como um processo formativo que molda a capacidade empreendedora.

Essas descobertas ampliam a perspectiva de inserção mista, enfatizando o papel da migração como fonte de recursos individuais. Embora a estrutura tradicionalmente destaque a interação entre estruturas de oportunidade, redes sociais e recursos individuais (Kloosterman; Rath, 2001), os resultados indicam que a própria migração contribui para o desenvolvimento de competências que influenciam a forma como as oportunidades são identificadas e buscadas. Essa perspectiva reforça a necessidade de considerar a mobilidade como uma dimensão ativa nos processos empreendedores, e não apenas como uma condição contextual. Uma segunda contribuição fundamental diz respeito ao papel das redes comunitárias. Os resultados também evidenciam que a inserção desses empreendedores no mercado local está fortemente associada à sua capacidade de adaptação às demandas do contexto em que estão inseridos. Nesse processo, observa-se que práticas econômicas desenvolvidas em diferentes setores — como gastronomia, turismo e serviços — não emergem de forma isolada, mas estão frequentemente ancoradas em referências culturais e experiências prévias. Isso sugere que os recursos mobilizados pelos empreendedores não se limitam a aspectos econômicos, mas incluem elementos simbólicos e culturais que orientam a forma como identificam oportunidades e estruturam seus negócios. Tal dinâmica reforça a ideia de que o enraizamento das atividades empreendedoras deve ser compreendido não apenas em termos institucionais, mas também como um processo cultural e socialmente construído.

Figura 2 – Quadro de Resultados



Fonte: elaboração própria com base em entrevistas

Por fim, o estudo contribui para a literatura sobre empreendedorismo em contextos de desvantagem ao evidenciar que as trajetórias empreendedoras de mulheres negras migrantes são profundamente marcadas por desigualdades estruturais. Esse resultado dialoga com a literatura ao reforçar que esses desafios são intensificados por fatores históricos e sociais, como o preconceito e a discriminação (Sabino; Pinheiro, 2022). Dessa forma, o empreendedorismo emerge não apenas como uma alternativa de geração de renda, mas também como uma estratégia de construção de autonomia e de reposicionamento social. Assim, a busca por autonomia financeira pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de afirmação, pertencimento e valorização em contextos historicamente marcados pela marginalização. De modo geral, os resultados demonstram que as trajetórias empreendedoras emergem da interação entre restrições estruturais, redes sociais, experiências migratórias e recursos baseados na identidade, oferecendo uma compreensão mais aprofundada do empreendedorismo em contextos de desigualdade e diversidade cultural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender como mulheres migrantes afro-brasileiras do Nordeste desenvolvem trajetórias empreendedoras no Rio de Janeiro, com foco na interação entre experiências migratórias, redes comunitárias e construção de identidade. Os resultados indicam que o empreendedorismo, em muitos casos, emerge como uma alternativa de inclusão econômica diante da exclusão do mercado de trabalho e das oportunidades restritas na cidade de destino. Em consonância com a literatura sobre empreendedorismo migrante, observa-se que, devido às suas condições socioeconômicas ao chegar, muitas vezes impulsionam os migrantes para o trabalho autônomo (Granovetter, 1985). Ao mesmo tempo, as experiências migratórias fomentam capacidades adaptativas como resiliência, flexibilidade e reconhecimento de oportunidades, que posteriormente se tornam importantes recursos empreendedores.

A análise destaca o papel central do enraizamento social na formação da atividade empreendedora. Laços familiares, relações de vizinhança e redes de migrantes funcionam como mecanismos-chave pelos quais os empreendedores acessam informações, clientes e apoio, reforçando a proposição central da perspectiva do enraizamento misto, segundo a qual os resultados empreendedores emergem da interação entre estruturas institucionais, redes sociais e ação individual (Kloosterman; Rath, 2001). Além disso, muitos participantes incorporaram elementos da cultura afro-brasileira em seus produtos, serviços e narrativas de negócios, transformando o conhecimento cultural em recursos estratégicos para diferenciação de mercado e afirmação da identidade. Em contextos marcados por desigualdades raciais e regionais, o termo como “afroempreendedorismo” passa a ser utilizado como forma de identificação e de inclusão, representando não apenas uma atividade econômica, mas uma ideologia (Nascimento; Trevelin, 2021). Ademais, a análise contribui para a literatura em três aspectos principais. Primeiro, a pesquisa sobre empreendedorismo migrante avança ao integrar restrições estruturais, experiências migratórias e estratégias baseadas na identidade em uma única estrutura analítica. Segundo, amplia a perspectiva de inserção mista ao enfatizar o papel da identidade cultural e dos recursos simbólicos nos processos empreendedores. Terceiro, ao incorporar insights do empreendedorismo em situação de desvantagem, o estudo demonstra como as experiências de marginalização podem ser transformadas em protagonismo empreendedor e posicionamento de mercado.

O estudo também possui implicações práticas. As políticas de apoio a migrantes e empreendedores de minorias devem reconhecer a importância das redes comunitárias e dos recursos culturalmente enraizados na sustentabilidade dos pequenos negócios. Iniciativas que fortaleçam os sistemas de apoio locais, facilitem o acesso ao mercado e valorizem formas de empreendedorismo com raízes culturais podem contribuir para ecossistemas empreendedores mais inclusivos em contextos urbanos marcados pela desigualdade. No entanto, este estudo apresenta limitações. Ele se concentra em um grupo específico de empreendedores em um único contexto urbano, o que pode limitar a generalização para outras regiões ou populações migrantes. Além disso, a análise se baseia principalmente nas perspectivas dos empreendedores e não incorpora as visões de outros atores no ecossistema empreendedor. Pesquisas futuras poderiam expandir essa linha de investigação por meio de estudos comparativos entre cidades ou países, examinar como as instituições e os consumidores legitimam empreendimentos baseados na identidade e empregar métodos quantitativos ou mistos para testar e refinar a estrutura proposta.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS -IBGE. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda | Agência de Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>>. Acesso em: 20 set. 2024.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa; FOGAÇA, Isabela de Fátima; BARBOSA, Conceição Aparecida. O Rio de Janeiro “nordestino”: representações, subjetividades e saberes sobre a cidade. *Revista Confluências Culturais*, v. 9, n. 1, p. 167–180, 2020.
- BAIA, Larissa; COSTA, Ramon Bezerra. Afroempreendedorismo feminino como processo comunicacional. *Revista UNINTER de Comunicação*, v. 11, n. 18, 2023.

- BARBERIS, Eduardo; SOLANO, Giacomo. Mixed embeddedness and migrant entrepreneurship: Hints on past and future directions – An introduction. *Sociologica*, p. 12(2), 1–22, 2018.
- BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? in *Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, p. 1–44, 2016.
- FREGUGLIA, Ricardo da Silva; PROCÓPIO, Thais Salzer. Efeitos da mudança de emprego e da migração interestadual sobre os salários no Brasil formal: evidências a partir de dados em Painel. *Pesquisa e Planejamento Econômico | PPE*, v. 43, n. 2, ago. 2013.
- FEITOSA, Hillary de Lima; MASCENA, Keysa Manuela Cunha de. Mulheres Negras Empreendedoras e Seus Comportamentos de Superação. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 18, n. 2, jun. 2024.
- FUSCO, Wilson; DUARTE, Renato; GOMES, Darcilene C. Dinâmica Migratória do Nordeste. *Relatório de Pesquisa*, out. 2011.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4a ed. São Paulo: EDITORA ATLAS S.A., 2002.
- GIOIA, Dennis A.; CORLEY, Kevin G.; HAMILTON, Aimee L. Seeking Qualitative Rigor in Inductive Research: Notes on the Gioia Methodology. *Organizational Research Methods*, v. 16, n. 1, p. 15–31, 1 jan. 2013.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, GEM. Empreendedorismo no Brasil 2023. *Relatório Executivo*, 2023.
- GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, p. 481–510, 1985.
- GRECO, Simara Maria de Souza Silveira. *Empreendedorismo no Brasil 2023*. São Paulo, SP: Anegepe, 2024.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, p. 20–29, jun. 1995.
- HARIMA, Aki. Theorizing disembedding and re-embedding: Resource mobilization in refugee entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 34, n. 3–4, p. 269–293, 2022.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad/geral/pesquisa-basica>>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan. Immigrant entrepreneurs in advanced economies: mixed embeddedness further explored. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, p. 189–201, 2001.
- KLOOSTERMAN, Robert; VAN DER LEUN, Joanne; RATH, Jan. Mixed Embeddedness: (In)formal Economic Activities and Immigrant Businesses in the Netherlands. *International Journal of Urban and Regional Research*, p. 253–267, 23 jun. 1999.
- MATOS, Suelen Karini Almeida de. Afro empreendedorismo Feminino :Reflexões sobre gênero e raça no Brasil. *Seminário Internacional UFSC - Florianópolis, Brasil*, 2021.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1o Relatório de Transparência Salarial. Governamental. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- MOURA, Hélio Augusto de. A migração nordestina em período recente: 1981/1996. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 15, n. 1, 1999.

- NASCIMENTO, Rafaela Helena do; TREVELIN, Ana Teresa Colenci. A VALORIZAÇÃO DO NEGRO: um olhar sobre o afroempreendedorismo em São Carlos/SP. *Revista Interface Tecnológica*, v. 18, n. 1, p. 206–218, 30 jul. 2021.
- OBSERVATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE -ODNE. Migração. *Boletim Temático Social*, nov. 2017.
- PERREIRA, Patrick dos Santos; MATITZ, Queila Regina Souza. Sankofa: Relações entre a Identidade do Empreendedor Negro Brasileiro e as Fronteiras Dinâmicas do Afroempreendedorismo. XI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD - EnEO 2022 On-line, 26 maio 2022.
- PETERSEN, William. A general typology of migration. *American sociological review*, p. 23(3), 256–266, 1958.
- RAM, Monder et al. What happens to refugee-origin entrepreneurs? Combining mixed embeddedness and strategy perspectives in a longitudinal study. *Ethnic and Racial Studies*, v. 45, n. 16, p. 1–27, 2022.
- SABINO, Geruza de Fátima Tomé; PINHEIRO, Daniel Calbino. Empreendedorismo negro brasileiro: tensões e limites à luz da inclusão econômica e social. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 7, p. 39–55, 19 maio 2022.
- SEBRAE-PARÁ. Empreendedorismo negro no Brasil: Superando desafios e construindo o futuro. *Boletim de Inteligência e Mercado*, 2023.
- SILVA, Jessia Albertina Carvalho da; ESTIVAL, Katianny Gomes Santana; FONTES, Maria Josefine Vervloet. Afroempreendedorismo feminino e os reflexos da pandemia: uma escuta a agricultoras do assentamento Dandarados Palmares em Camamu-Bahia. *International Journal of Scientific Management and Tourism Curitiba*, v. 9, n. 3, p. 1627–1647, 2023.
- SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique. Identidade, Reconhecimento E Personalidade: Empreendedorismo Da Mulher Negra. *Economic Analysis of Law Review*, v. 9, n. 3, p. 229–242, dez. 2018.